

SERRA DA CANASTRA (MG)

Integrantes: Eliana B. Garcia e Zé Artur Fernandes

Época: Agosto/93

Duração: 9 dias

A região da Serra da Canastra possui inúmeras estradinhas de terra que dão acesso a outras inúmeras cachoeiras e paisagens incríveis. Portanto, um local especial para cicloturismo, tanto dentro como fora do Parque Nacional.

Conhecemos a região de bicicleta há bastante tempo (93), mas desde então tivemos a oportunidade de voltar lá algumas vezes, porém sem as bicicletas, infelizmente. A última foi em 97 e em todas as ocasiões aproveitamos para conferir quilometragens e condições das estradas.

Os principais atrativos da Serra são a nascente do Rio São Francisco, que alguns quilômetros depois, já no tamanho de um rio, despenca numa queda de 180m. Além disso, outras cachoeiras, como a do Rolim, com mais de 200m e a fauna típica de cerrado que com sorte se consegue avistar (emas, tamanduá-bandeira, veado campeiro, lobinho e outros).

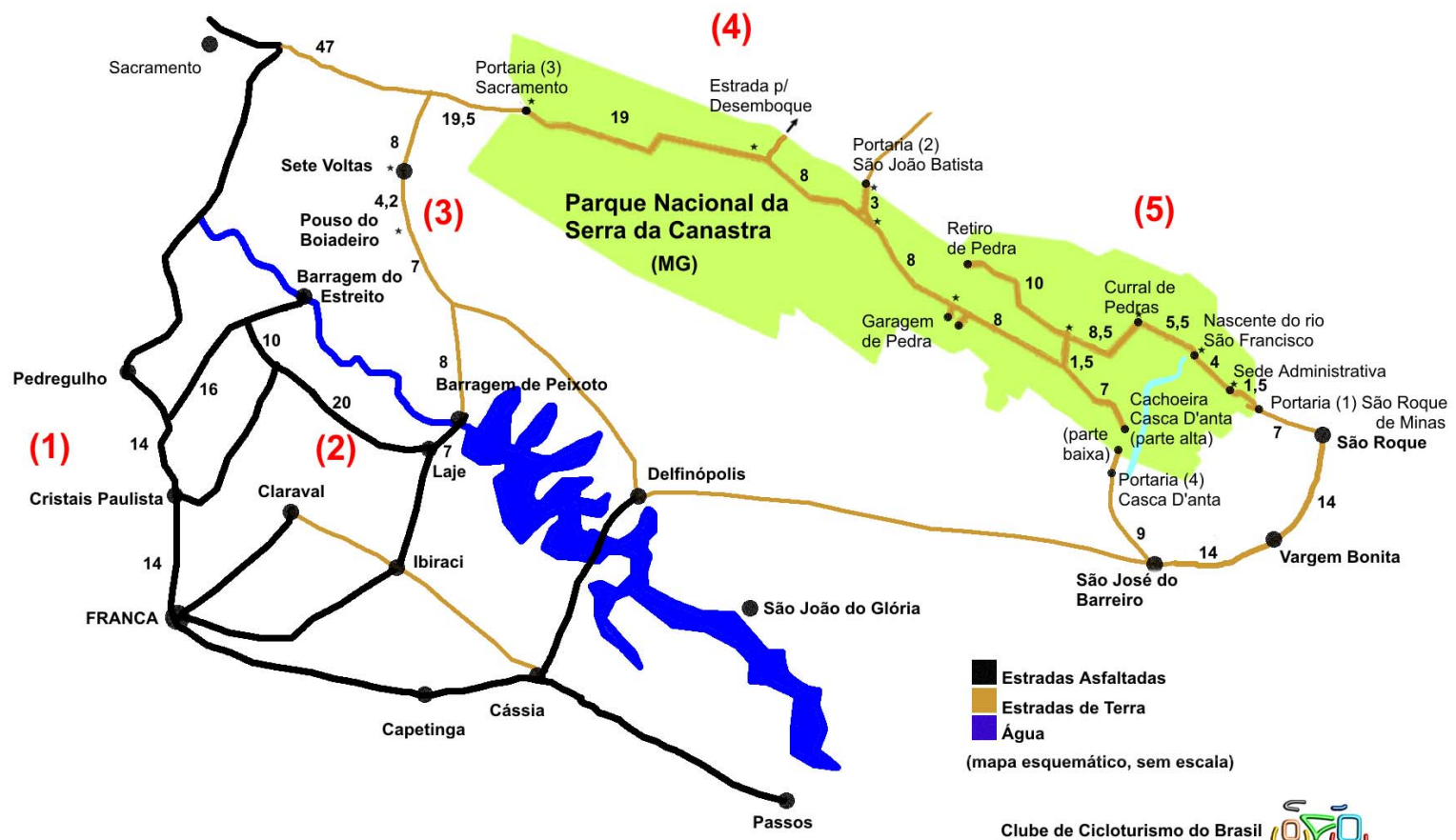
Há uma teia de estradas de terra que chegam ao Parque, principalmente pelo lado oeste, entrando pela Portaria Sacramento. Nenhuma delas consegue evitar as subidas. Esteja preparado, pois viajar por Minas Gerais é assim mesmo (ou assim mez... como diriam na região).

É recomendável fazer este roteiro na época da seca, de maio a outubro, pois as estradas ficam extremamente enlameadas nas chuvas. Também a possibilidade de avistar animais fica menor.

1. Nossa partida foi da cidade de Franca, indo em direção a Pedregulho. A estrada tem movimento considerável em certos horários, mas o acostamento é de asfalto. Para escapar da estrada principal, fique de olho nas estradinhas marginais que acompanham um bom trecho, quase até Cristais Paulista. Desta simpática cidadezinha sai uma estrada para Peixoto, mas nossa opção foi continuar em direção a Pedregulho, já que possuíamos um ponto de apoio pelo caminho.

Saímos desta estrada, virando à direita em direção à Usina do Estreito. A estrada é bem menor e sem acostamento, mas sem movimento. Aqui a paisagem vai ficando cada vez mais bonita e a visão se amplia em direção ao vale escavado pelo Rio Grande. Em mais 13 km a partir do trevo há um bar (Bar do Recanto) e em outros 3km chega-se a outra bifurcação. A da esquerda vai para o Estreito, pegamos então a da direita em direção a Barragem de Peixoto.

A 9km desta bifurcação encontramos um ótimo local para pernoite, chamado Águas Quentes. Tinha área de camping e uma piscina térmica natural, especial para o relaxamento após uma pedalada. Mas atenção, não apareça lá no final de semana, é lotado.



2. Deixando as Águas Quentes, em 1km passamos pela bifurcação da estrada que vem direto de Cristais Paulista. Em 800m estamos na divisa SP-MG, ao cruzar um rio. Após alguns quilômetros uma placa animadora avisa: Longo Trecho em Declive. Passamos pela vila de Laje e continuamos descendo para Peixoto. É uma daquelas cidadezinhas construídas em função da Barragem, sem muita estrutura turística, só havia um hotel e bem caro. Passamos uma guarita com barreira na entrada e outra na saída, a 1 km dali.

Aqui conseguimos informações bem precisas (não esperávamos isso em Minas...): eram 4km de terra até alcançar a ponte sobre o Rio Grande, várias subidas até fazer três curvas e depois descida até o Rio.

3. Então começa realmente a aventura, ao encararmos a Serra das Sete Voltas, que justificando o nome, serpenteia subindo em direção ao Parque. Por um dia inteiro não passou nenhum carro neste trecho. Se passasse teria que ser um jipe para poder vencer os imensos degraus da estrada.

A partir daqui vão surgindo cada vez mais oportunidades de se ter contato com pessoas interessantes. Vale a pena diminuir a velocidade, parar para conversar com quem está capinando ali perto, de repente aceitar tomar um café e quem sabe até, dar a sorte de estarem assando um delicioso pão de queijo. E lembre-se: sempre respeite o ritmo local, nunca tenha pressa ao pedir informação ou mesmo um copo d'água.

Marcados aproximadamente 8 km da ponte do R. Grande há uma bifurcação importante. Tome a da esquerda, apesar de ser a estrada menos batida. A da direita segue para Delfinópolis, passando por uma garganta de pedra alguns quilômetros adiante. Como erramos e pegamos esta entrada, tivemos que voltar e pernoitar pelo caminho. Dormimos logo após a bifurcação, economizando gás para no dia seguinte enfrentarmos as Sete Voltas.

(Pausa para um pequeno caso ocorrido)

Pedimos pouso num pequeno sítio e fomos prontamente atendidos por seu José e D. Ervilha. Armamos a barraquinha em frente à casa antiga, demos um dedinho de prosa e fomos dormir. No outro dia, como é de costume fazermos, perguntamos se queriam tirar uma foto conosco e se teriam algum endereço na cidade, para onde pudéssemos enviá-la depois. Para nossa surpresa, repentinamente sumiram todos, o casal, os filhos e os netos. Ficamos sem entender, pensando que tínhamos dado algum fora. Mas dali a pouco voltou a família inteira. Estavam vestidos para festa: calça social, cabelo penteado para trás, vestido de primeira comunhão e sapato novo. Estes momentos são sem dúvida os mais preciosos e marcantes das viagens de bicicleta.

Em 7km sobe-se ao céu, num desnível de 400m mais ou menos. Passamos pelo Pouso do Boiadeiro, que é exatamente isto e mais nada. Seguindo já sem as terríveis subidas, chegamos à vila de Sete Voltas. Como manda a tradição, a vila tem uma igreja, uma escola e vários bares (oba, cerveja gelada!).

Continuando em frente chegamos a mais um entroncamento importante. À esquerda segue-se em direção à cidade de Sacramento e à direita ao nosso destino, o Parque Nacional da Serra da Canastra. Em todo o trajeto, mas principalmente no Parque, comporte-se como ecoturista consciente. Não persiga os animais, se cada um que quiser uma boa foto correr atrás dos bichos eles se afastarão cada vez mais, diminuindo nossa chance de vê-

los. Carregue todo seu lixo de volta, inclusive o orgânico, ele não ocupa mais do que 10% do volume inicial e você interfere o mínimo possível no ambiente (não enterre o lixo, isto só serve para tira-lo de nossa vista). Nunca acenda fogueiras dentro do parque, esta região é especialmente suscetível à queimadas. Além disso, siga todas as orientações dos funcionários e as normas do Parque.

4. É divertido chegar na guarita em silêncio e abrir a porteira devagarinho, os guarda parques se assustam pois sempre esperam o barulho dos carros. Aqui surge uma complicação que exige certo planejamento. Não é permitido passar a noite dentro do parque e o horário limite para sair é às 18h. Para atravessar o parque de ponta a ponta, até a Portaria São Roque, são 65km. Porém mesmo que dê tempo de fazer este trajeto no mesmo dia, é desperdício, pois há muita coisa interessante pelo caminho. Uma opção é seguir somente até a Portaria São João Batista, a 30km daqui e, portanto, mais ou menos na metade do caminho. Pouco depois da portaria há uma cachoeira (do R. Araguari) com um local bom para acampar, se não for feriado. Perto dali, há também uma vilazinha. É claro, nem tudo são flores e o trecho entre a estrada principal e a cachoeira é uma descida íngreme, que nos aguardará em forma de subida logo no início do dia seguinte.

Se já for tarde para encarar esta quilometragem até a Portaria S. João, pode-se tentar passar a noite na própria guarita de Sacramento, o que vai depender da boa vontade dos guardas que estiverem de plantão.

Outro aviso, se até aqui encontrávamos pouca sombra, a coisa piora mais ainda. A vegetação é quase toda rasteira e o sol e o vento castigam bastante. Proteja-se do sol e carregue muita água.

5. Saindo da Portaria S. João e voltando à estrada principal, em mais alguns quilômetros alcançamos a entrada de um mirante chamado Casa de Pedra, que desvia somente 800m do nosso caminho.

Seguindo, chegamos a uma bifurcação. À direita vamos para a parte alta da Cachoeira Casca D'Anta. À esquerda continuamos pela estrada principal. Aqui mais uma vez é necessário planejar-se bem. Se a intenção for dar a volta completa no parque, passando por São Roque de Minas, e seguindo para a Portaria Casca D'Anta, compensa deixar para conhecer esta área depois. Há um camping muito bem estruturado, logo abaixo da cachoeira e uma trilha de mais ou menos uma hora, que chega até a parte alta.

De qualquer modo, vale a pena reservar algumas horas para ficar na parte alta. O local tem piscinas naturais maravilhosas e a sombra de um quiosque. Não tente ver a cachoeira por cima, não há ponto que ofereça esta visão e terreno é bem pedregoso e escorregadio.

Voltando à estrada principal, continuamos 1,5km até outra bifurcação. A da esquerda leva, em mais 10 km, para o Retiro de Pedra. Esta estradinha, por ser menos movimentada, aumenta a possibilidade de encontrarmos animais, por isso aproveite para seguir em silêncio. Desta mesma estradinha sai uma outra para a cachoeira Rolim, que é uma queda de mais de 200m. (Neste ponto do roteiro tenho várias dúvidas pois fiz poucas anotações. Provavelmente há uma trilha que desce para a parte baixa da cachoeira, mas não me lembro bem. A distância entre a estrada principal e a cachoeira é cerca de 10 km se não me engano. Para quem já conhece o local ou vier a fazer este roteiro, por favor, todas as informações serão bem vindas).

Seguindo nosso caminho, a última atração é a singela nascente do Rio São Francisco, que dali em diante não para mais de cresce, até atingir o mar a 3000km de distância.

Antes de chegar à Portaria S. Roque, passamos pelo centro de visitantes, que possui mapas, folhetos e um pequeno museu.

Da portaria até a cidade de São Roque de Minas são 7km de descida. Caso for entrar no parque mais um dia, não vale a pena descer até lá. Há a opção de acampar logo na saída da guarita, mais uma vez, evitando-se as épocas de feriados. Não há água muito próxima, por isso previna-se tomando banho e fazendo estoque de água ainda antes do parque fechar.

A cidade de São Roque é bem pequena mas tem toda a estrutura de pousadas, bares e guias. Outras cachoeiras podem ser conhecidas nas fazendas vizinhas, algumas já com cobrança de ingresso.

Nossa viagem de bicicleta acabou por aqui, pegamos o ônibus para Piumhi, já que a estrada para lá era de terra, mas muito movimentada (agora já deve estar asfaltada). Para os paulistanos: de Piumhi sai ônibus para São Paulo.

A volta completa da Serra realizei de carro, saindo de S. Roque para Vargem Bonita, passando por S. José do Barreiro e a Portaria Casca D'Anta. Dali, pegamos a Serra da Babilônia, com subidas e paisagens incríveis. É um local bem isolado. A estrada segue para Delfinópolis, lugar também muito procurado para ecoturismo. Se for continuar ainda de bicicleta, não pegue a estrada que liga Passos a Franca, é um inferno. Muitos caminhões, buracos enormes e acostamento ruim quando existe um. (Paulistanos: de Franca há ônibus de duas em duas horas para São Paulo até as 18h.)